



Organizações & Sociedade

ISSN: 1413-585X

ISSN: 1984-9230

Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia

Vizeu, Fabio; Matitz, Queila Regina Souza

Anacronismo conceitual e construção social do conhecimento em
estudos organizacionais: uma análise a partir da história conceitual

Organizações & Sociedade, vol. 25, núm. 86, 2018, Julho-Setembro, pp. 413-433
Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia

DOI: 10.1590/1984-9250864

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=400658719004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ANACRONISMO CONCEITUAL E CONSTRUÇÃO SOCIAL DO CONHECIMENTO EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA HISTÓRIA CONCEITUAL

Conceptual anachronism and social construction of knowledge in organization studies: an analysis based on conceptual history

Fabio Vizeu*
Queila Regina Souza Matitz**

RESUMO

Este trabalho propõe a utilização dos pressupostos teórico-metodológicos da História Conceitual de Koselleck como base para análise do anacronismo conceitual em estudos organizacionais. Ilustrativamente, descrevemos um exemplo do modo como estudiosos podem incorrer em erro ao negligenciar mudanças semânticas relacionadas a determinado conceito e, desse modo, gerar um tipo de anacronismo como efeito da utilização de conceitos polissêmicos e historicamente determinados para definir fenômenos e contextos contemporâneos. Para tanto, os significados originais atribuídos por Taylor ao conceito de 'organização' – levantados a partir do método onomasiológico e semasiológico – foram comparados à sua interpretação por sociólogos funcionalistas na década de 1960. Esperamos, por meio da discussão aqui apresentada, prevenir futuras distorções causadas por anacronismo na interpretação de conceitos científicos, em particular no campo das ciências sociais e de estudos organizacionais.

Palavras-chave: Anacronismo. História conceitual. Organização. Funcionalismo. Frederick Wislow Taylor.

ABSTRACT

With this study, we propose the use of Koselleck's Conceptual History theoretical and methodological assumptions as a basis for critical analysis of conceptual anachronism in the Social Sciences and Organization Studies. Illustratively, we describe an example of how scholars may incur in error by neglecting semantic changes related to a particular concept and, thereby, generate a kind of anachronism as an effect of the use of polysemic and historically determined concepts to define contemporary phenomena and contexts. Therefore, the original meanings assigned by Frederick Taylor to the concept of 'organization' were gathered using onomasiologic and semasiologic analysis. Then, they were compared to the interpretations of functionalist sociologists in the 1960s. We hope, through the discussion presented, to prevent further distortions caused by anachronism in the interpretation of scientific concepts, particularly in the fields of Social Sciences and Organization Studies.

Keywords: Anachronism. Conceptual history. Organization. Functionalism. Frederick Wislow Taylor.

* Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Positivo (PMDA/UP). Doutor em Administração de Empresas pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo. E-mail: fabio.vizeu@gmail.com

** Professora do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Paraná (PPGADM/UFPR). Doutora em Administração pela UFPR. E-mail: queila.matitz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

N o contexto do desenvolvimento histórico da modernidade, percepções e ideias a respeito de fenômenos e eventos são transmitidas por meio da linguagem e, dessa forma, contribuem para o processo de construção social do conhecimento organizacional (HATCH; YANOW, 2003). Iniciamos este trabalho a partir dessa pressuposição, aliada a uma ideia complementar: a de que os campos científicos são espaços socialmente e historicamente organizados em torno de um léxico especializado (MATITZ; VIZEU, 2012). Há, portanto, pelo menos dois aspectos constituintes dos fundamentos sobre os quais se desenvolve a discussão aqui proposta: (i) um campo científico é resultado de um processo de construção social mediado pela linguagem e (ii) cada campo científico é constituído a partir de um *framework* conceitual e linguístico utilizado para definir seus objetos de estudo e permitir o desenvolvimento do campo. Foucault (1994) e Bourdieu (1976) auxiliam no entendimento desses elementos na medida em que fornecem as bases teóricas sobre as quais são propostos. De acordo com Foucault (1994), o discurso científico é construído, ao mesmo tempo, a partir de observações metodologicamente fundamentadas, da análise de ordens empíricas e dos códigos fundamentais de uma cultura historicamente fundada. Para Bourdieu (1976), durante o processo de construção e legitimação de um campo científico, acadêmicos constroem acordos a respeito de objetos de estudo específicos e de conceitos e padrões de comunicação, os quais servirão para estabelecer um tipo de monopólio sobre o conhecimento acumulado a respeito de uma realidade empírica, o qual delimita o estabelecimento de autoridades científicas individuais nesse mesmo campo.

Diante do contexto brevemente delineado acima, o presente trabalho constitui uma resposta ao movimento que clama pelo retorno da história ao campo da análise organizacional (BOOTH; ROWLINSON, 2006). Nesse esforço, consideramos como elemento central de análise a ideia de que a construção do conhecimento científico pode ser entendida como uma forma de construção social de significado mediada pela linguagem, cujo processo é condicionado por forças que se estabelecem em determinado contexto social, político e histórico. E, dentre as dificuldades enfrentadas na produção de conhecimento contemporâneo nas áreas de ciências sociais e em estudos organizacionais, destacamos o problema do anacronismo conceitual, conforme apontado em trabalho anteriores (BOOTH; ROWLINSON, 2006; JACQUES, 2006; MATITZ; VIZEU, 2012).

O objetivo principal deste trabalho, portanto, consiste em prevenir futuras distorções causadas por anacronismo na interpretação de conceitos científicos, em particular no campo das ciências sociais e de estudos organizacionais. Para tanto, identificamos evidências de anacronismo na forma como trabalhos de sociólogos funcionalistas da década de 1960 interpretam o conceito ‘organização’ de Frederick Taylor. A análise aqui proposta tem como base a História Conceitual, abordagem teórico-metodológica desenvolvida pelo historiador alemão Reinhart Koselleck (1985; 2002). Sua contribuição é de ordem analítica na medida em que auxilia a demonstrar o modo como o conhecimento organizacional tem sido historicamente construído, interpretado e reconstruído. A História Conceitual é uma das correntes representantes da História das Ideias e permite abordar o problema do anacronismo ao fornecer bases teóricas e metodológicas úteis à análise de ideias construídas em tempos históricos distintos (JASMIN, 2005; MATITZ; VIZEU, 2012; VIZEU; MATITZ,

2015). Ilustrativamente, portanto, empreendemos uma descrição do modo como estudiosos das áreas de administração e estudos organizacionais podem incorrer em erro ao negligenciar mudanças semânticas relacionadas a determinado conceito e, desse modo, gerar um tipo de anacronismo causado pela utilização de conceitos polissêmicos e historicamente determinados para definir fenômenos e contextos contemporâneos (ZALD, 2002).

Considerando-se as possibilidades de aplicação dos pressupostos teóricos e metodológicos da História Conceitual para além de suas fronteiras originais, observam-se propostas recentes voltadas à aplicação da abordagem para retratar as especificidades de objetos sociais particulares, mesmo quando circunscritos a sociedades específicas em contextos históricos particulares (FERES JUNIOR, 2009) ou a determinadas áreas de estudos (VIZEU; MATITZ, 2015). Considerada como método para apreciação de conceitos em Estudos Organizacionais, a História Conceitual deve ser pensada como uma poderosa ferramenta de prevenção dos problemas do anacronismo na tradução ou interpretação de textos do passado no tempo presente, o principal problema atacado pelas perspectivas da história intelectual (JASMIN, 2005). No caso específico dos estudos organizacionais, no qual a dinâmica na tradução do pensamento é intensa e onde a interlocução entre autores e praticantes se faz entre variadas línguas e contextos nacionais, o problema do anacronismo se estabelece mesmo em textos e ideias produzidas em um passado relativamente recente. Quanto a essa questão, Zald (2002) aponta para o problema do presentismo nos estudos organizacionais, algo também identificado por Jacques (2006) em sua reflexão sobre o diletantismo na apreciação histórica nesta área. Recentemente, verifica-se também entre estudiosos brasileiros uma preocupação em delimitar metodologicamente as condições sócio-históricas de produção das formas simbólicas como etapa preliminar para os estudos de linguagem e discurso (STEFANI; VIZEU, 2011).

No campo de estudos organizacionais, o conceito de 'organização' emerge como elemento linguístico central de demarcação de um léxico especializado, o qual articula a produção de conhecimento e delimita as atividades e condições sociais deste grupo em particular (MATITZ; VIZEU, 2012). O conceito se constitui, ainda, como marco referencial para esta comunidade a partir de textos considerados seminais para a formação do pensamento organizacional e administrativo. Conforme apontado em trabalhos anteriores, o processo de análise proposto pela História Conceitual deve ser adaptado à área de estudos organizacionais (COSTEA, CRUMP; HOLM, 2006), considerando-se diferenças entre este campo de estudos e a proposta original voltada à análise de conceitos políticos fundamentais do pensamento moderno (KOSELLECK, 2002). Para tanto, desenvolvemos procedimentos específicos para realizar a análise do conceito de 'organização' no pensamento original de Taylor e na interpretação das ideias de Taylor realizada por sociólogos norte-americanos fundadores da teoria organizacional de base funcionalista. Primeiramente, identificamos os significados sincrônico atribuídos a esse fenômeno por Frederick W. Taylor em uma de suas obras seminais: *The Principles of Scientific Management* (1911), tendo por referência o contexto sócio-histórico de referência e a significação do termo à época. Em seguida, comparamos os significados originais às interpretações realizadas por sociólogos funcionalistas nos anos 1960 e identificamos evidências de anacronismo na forma como utilizam as ideias de Taylor. Finalmente, a partir da pressuposição relativa ao status do conceito de 'organização' como expressão linguística essencial à construção social do campo de estudos organizacionais, propomos questionamentos com o propósito de auxiliar a prevenir futuras

distorções causadas por anacronismo na interpretação de conceitos científicos dessa área de estudos e do campo de ciências sociais em geral.

Quanto à estrutura deste trabalho, além da introdução foram apresentadas cinco seções. Na segunda seção, apresentamos considerações gerais a respeito do papel da linguagem na construção e reprodução sociais e da forma como o conhecimento científico se constitui a partir de ações comunicativas. Na terceira seção, descrevemos aspectos centrais da História Conceitual de Koselleck, com destaque para o modo como seus pressupostos teóricos e metodológicos auxiliam na compreensão da centralidade dos conceitos como indícios dos contextos sociais e históricos nos quais são produzidos. Especialmente, ressaltamos o modo como conceitos se revelam enquanto manifestações linguísticas de experiências temporais nas quais as experiências (o passado) e as expectativas (o futuro) humanas se manifestam. Na quarta, descreveremos os procedimentos metodológicos utilizados na apreciação empírica do exemplo ilustrativo de um caso de anacronismo conceitual no campo de estudos organizacionais. Na quinta, apresentamos os resultados relacionados a: (i) análise da semântica do conceito ‘organização’ em dicionário da época correspondente à publicação da obra de Taylor; (ii) análise da semântica do conceito ou interpretação dos significados atribuídos ao conceito ‘organização’ pelo autor em sua obra; (iii) descrição do campo semântico associado ao conceito ‘organização’, de acordo com os significados previamente identificados e (iv) análise da interpretação do conceito de organização em Taylor nos textos de sociólogos funcionalistas durante a emergência da Teoria das Organizações. Na sexta e última seção tecemos considerações finais, destacando a necessidade de haver maior consciência histórica no uso dos conceitos que constituem o léxico especializado da área de estudos organizacionais.

2. LINGUAGEM, CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRIA

A HERMENÊUTICA DE GADAMER COMO FUNDAMENTO DA HISTÓRIA CONCEITUAL

Falhas em termos de contextualização são elementos potencialmente causadores de anacronismo na interpretação de conceitos polissêmicos e historicamente determinados (JASMIN, 2005; KOSELLECK, 2002). Esse argumento, central no entendimento da problemática aqui discutida, encontra – nos pressupostos históricos da hermenêutica – instrumentos úteis à compreensão da linguagem como objeto sociológico historicamente situado e como expressão simbólica representativa de eventos ou fenômenos sociais e históricos concretos. A adoção dessa abordagem se afasta da perspectiva estruturalista ortodoxa da linguística, a qual preconiza uma estrutura universal e atemporal para a linguagem. Em vez disso, a noção de linguagem utilizada como base da argumentação aqui proposta afilia-se à perspectiva da filosofia da linguagem, a qual é demarcada pela guinada linguística engendrada pelo trabalho maduro de Wittgenstein, e que tem em Gadamer um importante proponente. É particularmente este último um dos fundamentos no qual a História dos Conceitos se apoia ao pretender uma aproximação entre linguagem e história. Essa pretensão reconhece no relativismo histórico da linguagem não um problema, mas um dos aspectos capazes de enriquecer a análise das formas simbólicas da linguagem, apreendidas enquanto construções diacrônicas que se reproduzem ao longo do tempo, acumulando referências

passadas e expectativas futuras. Como sugere Jasmin (2005, p. 30), ao situar a perspectiva da História Conceitual na hermenêutica de Gadamer:

[A História Conceitual] duvida da própria empreitada científica de apreensão das intenções e dos significados originais dos atos de fala do passado, na medida em que a cognição é ela mesma prisioneira de sua historicidade. O que implica dizer, radicalizando ao caso limite, que o significado original em si é inapreensível e que é apenas no interior de uma fusão de horizontes interpretativos que se dá a compreensão dos significados desde logo marcados pela teia da comunidade de intérpretes contemporâneos.

De acordo com a perspectiva hermenêutica gadameriana, o processo formal de construção da linguagem é resultante do processo histórico de construção social, empreendido por meio do esforço humano para constituir a comunicação e tornar a vida humana possível. A intencionalidade desse processo aponta diretamente para as interações entre linguagem, comunicação, história e construção social no curso de constituição do mundo tal como é socialmente reconhecido. Sob esse ponto de vista, a linguagem é elemento central do processo de construção, reconstrução e reprodução social e histórica, como sugere o próprio Gadamer (1998, p. 71) ao tratar da ideia de ‘historicidade da produção’ (do alemão, *Wirkungsgeschichte*) como princípio para a compreensão hermenêutica no mundo:

Direi, portanto, que a exigência, que é própria da hermenêutica, de pensar a realidade histórica propriamente dita nos advém daquilo que eu chamo de princípio da historicidade da produção (*Wirkungsgeschichte*). Compreender é operar uma mediação entre o presente e o passado, é desenvolver em si mesmo toda a série contínua de perspectivas na qual o passado se apresenta e se dirige a nós. Nesse sentido radical e universal, a tomada de consciência histórica não é o abandono da eterna tarefa da filosofia, mas a via que nos foi dada para chegarmos à verdade sempre buscada. E vejo na relação de toda compreensão com a linguagem a maneira pela qual se revela a consciência da historicidade da produção.

Este aspecto é de particular interesse porque chama a atenção para a centralidade do significado historicamente situado na viabilização do social (HATCH; YANOW, 2003). Ao mesmo tempo, alerta para o fato de que a criação de significado é uma forma de construção e reconstrução histórica do mundo social. E, não menos importante, leva à conclusão de que mudanças periódicas no significado atribuído aos fenômenos (do passado, do presente e do futuro) são indícios de mudanças periódicas na própria sociedade, conforme os pressupostos teóricos da História Conceitual. A história, portanto, sob este ponto de vista, somente pode ser construída e interpretada por meio do estudo contextualizado da linguagem e do modo pelo qual conceitos centrais são utilizados para dar sentido a diferentes percepções da realidade (JASMIN, 2005).

3. HISTÓRIA CONCEITUAL COMO ABORDAGEM TEÓRICA E METODOLÓGICA

O historiador alemão Reinhart Koselleck desenvolveu o método historiográfico denominado História Conceitual com o objetivo de auxiliar na compreensão das condições históricas de emergência da modernidade. Para atingir esse propósito, Koselleck liderou um grupo de estudos a respeito de conceitos fundamentais – selecionados de acordo com sua abordagem teórico-metodológica – utilizados na construção e transformação da realidade social durante o período histórico denominado *Satzezeit* (termo alemão proposto por Koselleck e que significa ‘tempo limite’) e que corresponde aproximadamente às décadas entre 1750 e 1850. De acordo com a abordagem proposta por Koselleck, conceitos polissêmicos – os quais são sínteses teóricas abstratas a respeito de fenômenos sociais e históricos concretos – revelam o surgimento de períodos históricos distintos e podem herdar significados previamente associados a determinado termo (KOSELLECK, 1985). Por esse motivo, ainda que cada uso discursivo da linguagem seja único e sempre sincrônico – ou seja, um ato ‘aqui’ e ‘agora’ –, contém em si mesmo uma diacronia que empresta antigos significados ao atual uso do conceito.

Dentre as diversas implicações do uso da História Conceitual na compreensão de fenômenos sociais, destacam-se aqui duas contribuições, ambas fundamentais na elaboração deste trabalho: a teórica e a metodológica.

Primeiramente, portanto, mencione-se a contribuição teórica da História Conceitual na definição do termo conceito: ‘conceito’ é um tipo especial de palavra caracterizada por (1) sua natureza linguística, (2) sua conexão semântica com determinado contexto social e histórico e (3) sua capacidade de manifestar uma experiência temporal na qual as experiências passadas e as expectativas futuras são manifestas (KOSELLECK, 1985, 2002). Inspirada no pensamento heideggeriano, a História Conceitual assume uma perspectiva existencialista fundada na historicidade e na importância das expectativas de futuro como princípios existenciais da temporalidade humana. A história, portanto, é o resultado das interações entre o passado e o futuro a partir de um determinado contexto. Koselleck (1985) desenvolveu duas expressões para capturar a polaridade existente entre passado e futuro como delimitação necessária à ação no presente: ‘espaço de experiência’ e ‘horizonte de expectativa’. Como define o autor:

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. Na experiência se fundem tanto a elaboração racional quanto as formas inconscientes de comportamento, que não estão mais, ou que não precisam mais estar presentes no conhecimento. Além disso, na experiência de cada um, transmitida por gerações e instituições, sempre está contida e é conservada uma experiência alheia. [...] Algo semelhante se pode dizer da expectativa: também ela é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem. (KOSELLECK, 2006, pp. 309-310).

Para Koselleck, portanto, o termo experiência indica o conjunto de impressões sobre o passado, sentidas pelo indivíduo em sua vida presente. Essa percepção do passado, apesar de ser apreendida individualmente, reflete uma construção diacrônica de significado, a qual é socialmente constituída. Em outras palavras, sendo uma experiência reconstituída de geração a geração, o espaço de experiência representa a significação construída por uma comunidade linguística específica a respeito das experiências alheias, porém interpretada a partir do seu contexto presente. O termo expectativa, por sua vez, sugere que em toda experiência presente também residem os elementos de constituição de um futuro possível. Esta, para Koselleck, é uma condição histórica única, inexistente antes da era moderna. Condição que emerge a partir do fim de uma concepção medieval de futuro, de natureza escatológica (baseada no apocalipse e no fim da história) em direção a um futuro indefinido, por construir. De acordo com Koselleck (2002), os conceitos históricos delimitadores do período de *Sattelzeit* refletem essa expectativa futura por meio de uma conotação positiva e um sentido político de totalidade. São exemplos os conceitos de moderno [*Modern*], democracia [*Demokratie*] e progresso [*Fortschritt*]), conforme apresentados no célebre dicionário de conceitos políticos históricos, organizado por Otto Brunner, Werner Conze e Reinhart Koselleck.

A expressão ‘horizonte de expectativa’ indica, ainda, a ideia de continuidade no tempo histórico, ou seja, a noção de que há uma conexão entre passado e futuro e de que a história da humanidade é progressiva e está por acontecer. Sob o ponto de vista fenomenológico, esta presunção indica, em último plano, uma expectativa futura construída a partir da perspectiva presente. Na medida em que esta perspectiva se transforma, o horizonte de expectativa se altera. Esse tipo de mudança sobre a perspectiva futura pode ser identificado, por exemplo, no surgimento de um pessimismo quanto ao projeto iluminista, o qual toma conta do mundo ocidental por conta dos horrores da Segunda Guerra Mundial (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Em síntese, sob a perspectiva historiográfica de Koselleck, o conceito é o elemento linguístico no qual as experiências passadas e as expectativas futuras do ser humano se manifestam como coisas interpretadas, compreendidas e narradas em determinado contexto social. O estudo dos conceitos representativos de um ou mais períodos históricos permite captar ao mesmo tempo os significados transversais (ou simultâneos) e longitudinais (ou não-simultâneos) associados aos termos utilizados para descrever a ação humana localizada social e historicamente (JASMIN, 2005; VIZEU; MATITZ, 2015). Neste trabalho, por exemplo, optamos pelo estudo do conceito de ‘organização’ como manifestação linguística representativa do fenômeno central estudado pelo campo de estudos organizacionais e como símbolo de um marco histórico fundamental para constituir a área enquanto campo social.

Metodologicamente, a História Conceitual propõe-se como análise fundamentada na semântica dos conceitos fundamentais e representa uma abordagem histórico-hermenêutica singular, justamente por constituir-se como alternativa à análise textual ou linguística tradicional. Conceitos fundamentais, no contexto da abordagem de Koselleck, dizem respeito àqueles termos carregados de significados representativos de experiências temporais, capazes de revelar à superfície de linguagem – de maneira explícita ou implícita – interpretações a respeito do passado e do futuro. São, ainda, termos reveladores de condições de estabilidade e de mudança relativos a diferentes tempos históricos, os quais permitem observar condições políticas, sociais e culturais particulares de cada sociedade. Conforme

explica Koselleck (2006, p.98): “Sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política.” Portanto, o objeto empírico da História Conceitual não se trata de qualquer conceito, mas dos conceitos sociais ou políticos relevantes para explicar a condição histórica de determinada sociedade. Geralmente, essa condição é apreendida na transição entre diferentes tempos históricos, uma condição particular onde se capturam novos conceitos políticos ou novas significações de conceitos existentes.

Uma análise semântica dos conceitos fundamentais, tal como proposta por Koselleck, permite (i) apreender a abrangência semântica (quantidade de significados simultâneos) de um conceito em determinado período histórico; (ii) comparar significados do conceito no senso comum e no contexto de determinados grupos sociais; (iii) acompanhar mudanças de significado ao longo do tempo e entre diferentes contextos e tempos históricos; e (iv) analisar relações de influência mútua entre conceitos e práticas sociais, políticas ou culturais.

Ainda sob o ponto de vista metodológico, a fonte empírica na qual se pretende capturar o conceito de interesse da História Conceitual deve ser um ou mais textos capazes de expressar os significados do conceito social ou político historicamente. Em outras palavras, o texto deve expressar – por meio da semântica associada ao conceito – um horizonte de expectativa (ou um futuro esperado) e um espaço de experiência (uma concepção de passado) associados ao(s) significado(s) do termo no presente. O conceito deve, ainda, apresentar implicações políticas relacionadas ao grupo social de referência do pensamento manifesto no texto, seja a audiência ao qual o texto é endereçado, sejam os grupos de oposição mencionados no texto (MATITZ; VIZEU, 2012). Operacionalmente, os trabalhos de Koselleck são constituídos por (i) análise etimológica ou filológica comparativa – sincrônica e/ou diacrônica – do significado conceito em dicionários e textos de época selecionados de acordo com sua relevância histórica nos termos descritos acima; (ii) análise do contexto histórico-social de produção do texto, com o propósito de esclarecer as condições nas quais ocorre o ato de linguagem e contribuir para a análise da linguagem; e (iii) análise do campo semântico ou conjunto de conceitos complementares ou paralelos que contribuem para formar um campo de significados em torno de determinado fenômeno.

4. APRECIAÇÃO EMPÍRICA: MÉTODO E ESCOPO

A análise proposta a seguir ilustra os argumentos centrais desse trabalho ao apontar uma possível ocorrência de anacronismo conceitual no campo de estudos organizacionais. Com o propósito de empreender tal apreciação, delineamos um percurso metodológico com base na proposta de Koselleck e com foco no conceito de ‘organização’ em Taylor em comparação a uma análise prévia do conceito de organização tal qual apresentado por autores do funcionalismo sociológico de meados do século passado (MATITZ; VIZEU, 2012). Ao mesmo tempo, intentamos ilustrar um procedimento útil a projetos de análise de conceitos em EOR a partir dessa vertente, tal como empreenderam Costea, Crump e Holm (2006) na área. Nos inspiramos, também, no esforço de autores da obra organizada por Feres Junior (2009), os quais pensaram o *Begriffsgeschichte* (termo alemão que significa ‘história dos conceitos’) como uma metodologia passível de aplicação à análise de outros conceitos e contextos lexicais diferentes daquele originalmente pensado pelo autor alemão.

Assim, a História Conceitual de Koselleck foi utilizada no presente trabalho conforme as etapas descritas a seguir: (1) empreendemos a análise da semântica do conceito ‘organização’ em dicionário da época correspondente à publicação da obra de Taylor; (2) analisamos a semântica do conceito ou interpretação dos significados atribuídos ao conceito ‘organização’ pelo autor em sua obra; e (3) finalizamos com a descrição do campo semântico associado ao conceito ‘organização’, de acordo com os significados previamente identificados. Um dos possíveis ganhos com esse percurso foi possibilitar a análise comparativa entre o autor clássico do pensamento administrativo e outros autores de épocas distintas. Neste sentido, complementamos nosso percurso pela análise dos significados originalmente atribuídos por Taylor ao conceito de organização (levantados por meio da metodologia aplicada em nosso protocolo) e a interpretação sobre o pensamento de Taylor realizada por sociólogos funcionalistas na década de 1960, período no qual a teoria organizacional sociológica emerge sob a influência de Parsons (WAHRLICH, 1986). Dessa forma, podemos apontar um possível anacronismo na interpretação sociológica do trabalho de Taylor, além de delinearmos um campo inicial para reflexão crítica a respeito de suas implicações para o campo de estudos organizacionais.

Antes de tratarmos dos resultados, contudo, faz-se necessária uma breve explanação a respeito de duas formas de manifestação de um conceito na linguagem verbal: a onomasiológica e a semasiológica. No primeiro caso, o termo correspondente a determinado conceito que aparece de forma explícita e pode ser diretamente observado. Dessa forma, seu significado pode ser inferido a partir da análise do texto completo do qual faz parte e, em alguns casos, a partir do contexto no qual o texto foi produzido. No segundo caso, o termo relacionado ao conceito sob análise não é utilizado explicitamente no texto, mas seu significado pode ser observado por meio de outros termos ou expressões. Nesse caso, podemos inferir a presença do conceito mesmo naqueles casos nos quais um determinado termo ou seus sinônimos não são explicitamente utilizados.

No processo de análise dos significados associados à ideia de organização no texto de Taylor, utilizamos ambos os métodos, ou seja, aplicamos a análise onomasiológica e a análise semasiológica. E, como base para a construção do campo de significação relacionado ao conceito, conforme a abordagem de Koselleck sugere, realizamos uma análise prévia do significado do termo organização em um dicionário de 1913 (PORTER, 1913), com o propósito de reconhecer a semântica de época (VIZEU; MATITZ, 2015). Este procedimento objetiva sinalizar os possíveis significados do termo no senso comum, além de outros significados associados ao termo na época em que o texto foi escrito e publicado. Esse procedimento permite que se demarque o escopo de um léxico especializado de época, da mesma forma como permite considerar a amplitude da polissemia do termo no mesmo período investigado.

5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DA APRECIAÇÃO EMPÍRICA

Os resultados aqui apresentados foram organizados segundo a divisão de etapas descrita anteriormente, ou seja: i) apreciação do verbete organização e correlatos no dicionário de época, buscando delimitar a semântica do senso comum do período; ii) os conteúdos semânticos da obra, tendo por referência a síntese analítica da etapa anterior e; iii) a com-

paração do sentido original do conceito de organização em Taylor com a interpretação dos autores funcionalistas da década de 1960 a respeito do papel de Taylor no campo de teoria organizacional, buscando ressaltar os possíveis elementos anacrônicos deste período em relação à etapa anterior.

5.1 CONOTAÇÕES SEMÂNTICAS DO TERMO ORGANIZAÇÃO NO SENSO COMUM DA ÉPOCA DE PUBLICAÇÃO DA OBRA DE TAYLOR

Seguindo o percurso analítico proposto pelo método da História dos Conceitos (KOSELLECK, 2002; 2006; JASMIN, 2005; VIZEU; MATITZ, 2015), devemos iniciar nossa apreciação delineando um breve quadro sobre o contexto de época do movimento de *Scientific Management* de Taylor. Embora a Inglaterra tenha sido pioneira da Revolução Industrial, foi nos Estados Unidos que as práticas de racionalização do trabalho administrativo no ambiente industrial foram de fato sistematizadas (HOBSBAWM, 1999; JENKS, 1960; VIZEU, 2010a). Nesse contexto, uma preocupação com a qualificação da força de trabalho influenciou diretamente a busca pela sistematização do *management*, principalmente após a dramática expansão industrial que se seguiu à Guerra Civil (JACQUES, 1996). A institucionalização desse amplo movimento ocorreu dentro das associações profissionais de engenharia e foi denominada *works management movement* (JENKS, 1960; VIZEU, 2010a). Nos Estados Unidos, um dos principais fóruns de debate a respeito das ideias desse movimento foi o periódico *Transactions*, publicado pela *American Association of Mechanical Engineers* (ASME). E foi nesse periódico, durante a última década do século XIX, que Frederick Winslow Taylor – um dos líderes do *works management movement* – articulou suas concepções a respeito do modo ideal de gestão dos locais de trabalho (WREGE; GREENWOOD, 1991). Suas discussões com Henry Gantt, Frank Gilbreth, Harrington Emerson, entre outros, deram origem à ideia de que o conhecimento a respeito da organização industrial e sua gestão deveriam ser tratados como uma área independente, a qual foi nomeada *Industrial Engineering* ou Engenharia Industrial (JENKS, 1960). *The Principles of Scientific Management* (1911), obra de Taylor selecionada para análise do conceito de organização expresso pelo autor, sintetiza os princípios de engenharia industrial desenvolvidos por Taylor em parceria com um grupo selecionado de engenheiros.

Dando prosseguimento ao protocolo anunciado na seção anterior, descrevemos a seguir a apreciação do verbete e de outros correlatos em dicionário de época. Assim sendo, utilizamos o *Webster's Revised Unabridged Dictionary* editado em 1913 e disponível para consulta *online* (PORTER, 1913). Neste dicionário, o verbete da palavra organização apresenta diferentes definições, dentre as quais se destaca “o ato de ordenar de modo sistemático para uso ou ação”¹. Nesse sentido e em acordo com a dimensão onomasiológica do verbete, o termo está relacionado a situações concretas tais como a organização de um conjunto de pessoas, um exército, um governo ou um departamento. Em todos esses exemplos apresentados no verbete, o termo se refere a uma ação ou um ato posto em prática para colocar em ordem uma coletividade de pessoas e, eventualmente, outros recursos.

1. Tradução livre de: “The act of arranging in a systematic way for use or action.” (PORTER, 1913).

Outro significado apresentado no dicionário da época e utilizado para a presente análise complementa essa ideia ao revelar a noção de regras e relações coletivas atribuídas ao termo organização, tais como “Um grupo de pessoas associadas, unidas em torno de um propósito em comum e tendo um conjunto de regras que especificam as relações dos membros individuais para com o grupo”². Aqui, podemos observar a conexão entre as noções de ‘propósito em comum’, ‘regras’ e ‘relacionamentos sociais’, sendo estes importantes elementos que podem ser associados ao uso do termo na forma como era compreendido na língua inglesa pelo senso comum no início do século XX.

Seguimos na próxima seção com a análise das dimensões onomasiológica e semasiológica do termo ‘organização’, conforme derivados no texto de Taylor. Lembramos que essa apreciação foi feita a partir do original da primeira edição do livro *The Principles of Scientific Management*, publicado no ano de 1911.

5.2 DEFINIÇÕES CONCEITUAIS DE ‘ORGANIZAÇÃO’ NA OBRA DE TAYLOR

Não há uma preocupação explícita na principal obra de Taylor em definir o conceito de organização. Ainda assim, a partir da análise onomasiológica do texto de *The Principles of Scientific Management*, identificamos nove ocorrências do termo organização e seus derivativos: *organization* (ou organização, com quatro ocorrências), *organized* (ou organizado, com duas ocorrências), *reorganization* (ou reorganização, com duas ocorrências) e *organism* (ou organismo, com uma ocorrência). Destas nove ocorrências, oito se referem ao ato de colocar em ordem os elementos e os relacionamentos de trabalho dentro de um estabelecimento industrial. Somente no caso do termo *organism* Taylor se refere a um fenômeno distinto, nesse caso ao próprio ser humano envolvido nas relações de trabalho do ambiente industrial. A análise semasiológica do texto, por sua vez, permitiu a identificação de dois significados para o conceito de organização, relacionados, respectivamente, à forma como o ato de ordenamento do trabalho ocorre (1) de acordo com a observação empírica de Taylor a respeito dos estabelecimentos industriais gerenciados de acordo com os princípios ordinários da prática de administração (*Management*) e (2) de acordo com os princípios da Administração Científica (*Scientific Management*).

Em outras palavras, Taylor utiliza o conceito de organização para se referir a dois fenômenos distintos, ou seja: (1) ao modo como era realizada a gestão ordinária dos estabelecimentos industriais; e (2) ao modo como a gestão científica deveria ser realizada nos estabelecimentos industriais de forma a maximizar os resultados esperados relacionados a eficiência, produtividade, velocidade e qualidade. Há, portanto, no conceito de Taylor, um aspecto descritivo e um aspecto prescritivo das condições de gestão do trabalho no ambiente industrial. O elemento comum aos dois significados está relacionado à ideia de um conjunto de procedimentos de trabalho (*work system*) baseado na divisão de tarefas (*division of labor*). O elemento distintivo, por sua vez, diz respeito ao papel do administrador (*manager*) na construção desses procedimentos. Ou seja, no significado prescritivo do con-

2. Tradução livre de “A group of persons associated together for a common purpose and having a set of rules which specify the relations of the individual members to the whole group.” (PORTER, 1913).

ceito de organização, as ações relacionadas ao papel da administração assumem conotação científica, baseada em princípios teóricos e experimentos controlados.

Quadro 1 - O conceito de organização na obra *The Principles of Scientific Management*

| | Conceito descritivo de organização | Conceito prescritivo de organização |
|--------------------------|---|---|
| Definições | Sistema de trabalho utilizado em estabelecimentos industriais e manufatureiros, baseado na divisão de tarefas, construído com base na gestão/administração ordinária (<i>work system based on the division of labor, under ordinary management</i>) | Sistema de trabalho baseado na divisão de tarefas, construído com base na nos princípios da Administração Científica e fundamentado na cooperação e divisão de responsabilidades entre o management e o operário/funcionário (<i>work system based on the division of labor, according to the principles of scientific management and based on the cooperation and division of responsibilities between management and workman</i>) |
| Elementos constitutivos | Bonus, Edifícios, Capital, Conflitos, Controle, Cooperação, Empregado, Empregador, Companheiros de trabalho, Grupos sociais, Hábitos, Trabalho manual, Esforço humano, Incentivos, Tarefas, Custos trabalhistas, Máquinas, Gestão, Movimentos, Motivações, Recursos naturais, Planejamento, Produção, Promoção, Pressões sociais, Tempo, Ofícios, Treinamento, Salários, Trabalhadores (<i>Bonus, Buildings, Capital, Conflict, Control, Cooperation, Employee, Employer, Fellow-workers, Gangs, Habits, Hand work, Human effort, Incentives, Inducements, Labor, Labor costs, Machines, Management, Motions, Motives, Natural resources, Owner, Planning, Production, Promotion, Social pressures, Time, Trades, Training, Wages, Workmen</i>) | Bonus, Edifícios, Capital, Conflitos, Controle, Cooperação, Empregado, Empregador, Companheiros de trabalho, Grupos sociais, Hábitos, Trabalho manual, Esforço humano, Incentivos, Tarefas, Custos trabalhistas, Máquinas, Gestão, Movimentos, Motivações, Recursos naturais, Planejamento, Produção, Promoção, Pressões sociais, Tempo, Ofícios, Treinamento, Salários, Trabalhadores (<i>Bonus, Buildings, Capital, Conflict, Control, Cooperation, Employee, Employer, Fellow-workers, Gangs, Habits, Hand work, Human effort, Incentives, Inducements, Labor, Labor costs, Machines, Management, Motions, Motives, Natural resources, Owner, Planning, Production, Promotion, Social pressures, Time, Trades, Training, Wages, Workmen</i>) |
| Consequências associadas | Alívio do sofrimento nacional, Diminuição da pobreza, Dividendos, Eficiência, Emprego, Produtividade, Produtos, Lucros, Prosperidade (<i>Alleviation of national suffering, Diminution of Poverty, Dividends, Efficiency, Employment, Productivity, Products, Profits, Prosperity</i>) | Eficiência, Produtividade, Velocidade, Qualidade (<i>Efficiency, Productivity, Speed, Quality</i>) |

Fonte: Os autores.

O Quadro 1 demonstra a comparação dos significados atribuídos por Taylor ao conceito de organização, conforme a análise descrita acima. Adicionalmente, com o objetivo

de avançarmos na análise do uso do conceito de ‘organização’ por Taylor, nos apropriamos da noção de campo semântico, tal como proposto pela linguística. Sob este ponto de vista, um campo semântico é um conjunto de termos ou palavras relacionadas entre si em função de uma ou mais propriedades semânticas, de forma a constituir um léxico especializado. Ou seja, um campo semântico é uma estrutura lexical que revela características ou atributos relacionados a um mesmo fenômeno. Dessa forma, ao observar um campo semântico, é possível inferir o fenômeno ou o segmento da realidade ao qual faz referência. Portanto, a partir da noção de campo semântico, buscamos identificar termos e expressões utilizadas por Taylor para (1) descrever atributos e características do fenômeno associado ao conceito de organização, (2) qualificar tal fenômeno, e (3) estabelecer relações de associação, correlação ou causalidade entre o fenômeno e outros fenômenos. O resultado desse esforço analítico está sintetizado no Quadro 1 e auxilia a revelar a natureza dos conceitos propostos por Taylor na medida em que os contextualiza em uma rede de significados e associações com outros conceitos³. Desse modo, é possível também perceber as duas ênfases do autor: primeiramente em relação ao conceito descritivo, mais abrangente, e, em seguida, ao conceito prescritivo, mais restrito em relação à função especializada da administração (*management*) e às suas relações com a força de trabalho.

Podemos inferir a partir de nossa análise que o significado prescritivo do conceito de organização, conforme proposto por Taylor, se refere (a) a uma **ação ou a um ato intencional** e elaborado pelo gestor, (b) que ocorre em um ambiente industrial ou manufatureiro, (c) é direcionado ao ordenamento de um conjunto de elementos relacionados ao trabalho e à divisão de tarefas e (d) tem como propósito a geração de bons resultados para empregador e empregado. Além disso, este ato de organização do trabalho é resultante de ações que devem ser realizadas pelo administrador com o objetivo de colaborar com os trabalhadores e deve seguir os princípios gerais da administração científica, embora possa ser concretizada de diferentes maneiras, de acordo com o tipo de trabalho a ser realizado.

Ou seja, a delimitação semântica do conceito de Organização em Taylor é diretamente dependente do conceito inaugurado por este autor, o de Administração Científica. Ou seja, há, no pensamento de Taylor, a qualificação do ato de organizar a partir da concepção de Administração Científica, que assume um caráter central em sua obra *The Principles of Scientific Management*. Assim, de acordo com os princípios da Administração Científica, as atividades administrativas (*management activities*), podem ser classificadas ou divididas em três grupos: (1) Planejamento do trabalho: Coleta de Informação/Conhecimento; Classificação de Informação/Conhecimento; Tabulação de Informação/Conhecimento (*Planning of work: knowledge gathering; knowledge classifying; knowledge tabulating*); (2) Desenvolvimento dos trabalhadores/operários: seleção, treinamento, ensino, cooperação, auxílio, encorajamento, motivação (*Development of workmen: selection, training, teaching, cooperation, help, encouragement, motivation*); (3) Controle/Avaliação do desempenho dos trabalhadores/ operários (*Control/Evaluation of workmen’s performance*). Essas diferentes atividades são expressões de um tipo particular de ato organizacional, qualificado em Taylor como uma espécie de Organização Racional ou Científica.

3. Foram incluídos os termos e trechos dos textos originais em inglês como forma de permitir ao leitor a apreciação crítica da tradução.

Outro aspecto distintivo entre os conceitos descritivo e prescritivo de organização, no contexto da obra de Taylor, diz respeito aos efeitos ou consequências associadas. Enquanto o conceito descritivo inclui resultados internos e externos à indústria, o conceito prescritivo tem como foco os resultados da realização do trabalho no chão de fábrica, ou seja, aquele diretamente relacionado à quantidade e qualidade da produção industrial. Dito de outra forma, a distinção entre as dimensões descritiva e prescritiva do conceito abrange uma importante diferença de escopo, sendo no primeiro caso um escopo mais abrangente, em nível de sociedade, e no segundo caso – prescritivo –, um escopo mais microorientado, relacionado à tarefa.

Após as análises descritas acima – as quais correspondem à contextualização sócio-histórica da época de publicação do texto e às análises onomasiológica e semisiológica do termo organização e correlatos no texto – podemos inferir algumas questões importantes. Primeiramente, ao confrontarmos as informações levantadas nessas diferentes etapas, verificamos uma concepção de organização prioritariamente definida como uma atividade humana e exercida, no contexto fabril, pelo administrador (*Manager*). É importante destacar que o significado associado a essa atividade gerencial ainda não configurava um entendimento preciso e bem elaborado sob o ponto de vista do conhecimento especializado, sendo essencialmente associado à ideia de ordenação (ou ‘pôr em ordem’). De acordo com Jenks (1960), foi justamente a natureza incipiente da atividade industrial dos Estados Unidos o fator determinante para a emergência de um movimento entre engenheiros, voltado à discussão de práticas de organização da atividade fabril norte-americana. Ainda de acordo com este autor, Taylor foi o integrante mais célebre deste movimento (denominado *Works Management*), e sua obra constitui um reflexo dos debates travados nesta comunidade de profissionais do setor. Assim, a organização passa a ser um tema pertinente nesse debate, sendo considerada uma prática gerencial central para o estabelecimento da atividade industrial naquele país.

Em síntese, identificamos uma convergência entre o entendimento do senso comum à época, verificado por meio da análise do contexto histórico e do verbete de dicionário, e o texto de Taylor. O levantamento dos significados atribuídos ao conceito na obra *The Principles of Scientific Management* sugere que o termo ‘organização’ é utilizado para designar a prática gerencial, indicando o ato de ‘pôr em ordem’ recursos e outros elementos do processo produtivo fabril. A análise onomasiológica sugere que este ato é central dentro da proposta do autor sobre a Administração Científica.

5.3 A INTERPRETAÇÃO DO CONCEITO DE ORGANIZAÇÃO EM TAYLOR NOS TEXTOS DE SOCIOLOGOS FUNCIONALISTAS DURANTE A EMERGÊNCIA DA TEORIA DAS ORGANIZAÇÕES (TO)

Na discussão apresentada por Matitz e Vizeu (2012) a respeito do uso de conceitos em Estudos Organizacionais e suas implicações em termos de constituição de campo semântico, os autores tecem uma breve apreciação do conceito de ‘organização’ tal qual foi desenvolvido pelos autores da área chamada de “Teoria das Organizações” (aqui, designada pela sigla TO), um campo especializado da sociologia originado nos esforços de sociólogos norte-americanos em meados do século XX. De acordo com Starbuck (2003), a TO surgiu como esforço de sistematização de conhecimentos teóricos sobre o chamado fenômeno or-

ganizacional, o qual, até meados do século XX, não tinha sido objeto sistemático de análise entre os estudiosos das áreas de ciências sociais e humanidades. Segundo este autor, a emergência das grandes corporações nas primeiras três décadas daquele século foi o evento condicionante do surgimento da preocupação com o estudo deste objeto, especialmente tendo em conta a preocupação com características específicas desses agrupamentos sociais, tais como o trabalho burocrático sistematizado - expresso pela figura do administrador profissional e assalariado de primeira e segunda linha (CHANDLER, 1977) -, e a suposta perenidade das firmas multidivisionais, em face da reconfiguração dos empreendimentos econômicos sob a forma de entidades independentes e personificadas.

Ou seja, de acordo com este entendimento, a área de TO se inspirou em tipos organizacionais que emergiram em maior intensidade nos Estados Unidos no período entre as Grandes Guerras Mundiais, o que implica concluir que Frederick Taylor não os vivenciou em sua maior expressão. Aqui reside o primeiro aspecto a indicar o anacronismo dos autores de TO em relação ao trabalho de Taylor, algo que retomaremos mais à frente.

E foi justamente pelo fato da emergência das grandes corporações empresariais ter se manifestado fortemente nos Estados Unidos que os cientistas sociais deste país começaram a se interessar pela sistematização de uma teoria geral das organizações. A partir da década de 1950, especialmente, sociólogos de perspectiva funcionalista/positivista começam a se preocupar mais intensamente com este fenômeno, tendo por argumento fundamental a necessidade de se especificar um conceito sociológico para o objeto (MATITZ; VIZEU, 2012) – tal qual fez Durkheim em sua definição do fato social para inaugurar o objeto da sociologia. Neste sentido, atribui-se a Herbert Simon a nomenclatura “Teoria das Organizações”, bem como a preocupação em definir princípios para essa nova disciplina sociológica, a qual seria a aglutinação de diferentes perspectivas doutrinárias e acadêmicas, tais como o *Scientific Management*, a psicologia industrial, a engenharia e a economia industrial, entre outras (STARBUCK, 2003). Todavia, a principal influência intelectual da TO foi a interpretação feita pelo sociólogo americano Talcott Parsons a respeito do conceito weberiano de burocracia e da ideia de Sistemas apresentada pelo biólogo Ludwig Von Bertalanffy (MATITZ; VIZEU, 2012). Novamente, uma menção à questão cronológica se faz necessária: os escritos de Parsons a respeito de Weber e os trabalhos da Teoria Geral de Sistemas de Bertalanffy foram publicados em meados do século XX, cerca de quatro décadas após a publicação de *The Principles of Scientific Management*.

Para os autores da emergente área de TO, o conceito de ‘organização’ assume um papel central no que se refere à articulação semântica do campo especializado. Por conta disso, há uma preocupação intensa entre os autores em expressar uma **definição clara e precisa** do conceito, o que não foi verificado em Taylor. Além disso, os autores se preocuparam em incorporar elementos estruturais derivados da perspectiva sistêmica e do funcionalismo sociológico, agregando à ideia de ‘organização’ qualificadores tais como as denominações ‘formal’ (BLAU; SCOTT, 1962), ‘complexo’ (ETZIONI, 1964) e, principalmente, o termo ‘burocrático’, uma clara manifestação da influência da leitura parsoniana da obra de Weber. Ou seja, todos estes qualificadores expressam uma concepção estrutural-sistêmica da organização, considerada como uma entidade integrada de relacionamentos, que estabelecem um todo estruturado e integrado com seu meio social mais amplo (MATITZ; VIZEU, 2012). Ou seja, para os autores de TO, a organização é uma estrutura integrada e funcional, baseada em princípios gerais de racionalidade e eficiência. Ao mesmo tempo,

esta estrutura se relaciona simbioticamente com o meio social mais amplo, fato este que condiciona o surgimento de determinadas disfunções no que tange à sua racionalidade economicamente orientada.

Observando o Quadro 1, no qual apresentamos uma síntese da análise semasiológica do conceito de organização na principal obra de Taylor, verificamos que nenhum destes elementos de significação foi identificado. Ou seja, a concepção estrutural-sistêmica do conceito de organização em TO não está presente no escopo semântico identificado por nossa análise. Isso ocorre porque este escopo é distinto – em termos de significado, abrangência semântica e complexidade conceitual – em comparação àquele apresentado pelos autores de TO em seu debate a respeito do conceito de organização algumas décadas mais tarde.

A partir desta constatação, portanto, buscamos comparar os significados atribuídos por Taylor ao conceito de ‘organização’ à forma como sociólogos organizacionais funcionalistas interpretaram as ideias deste autor na década de 1960. Para tanto, analisamos os textos de Blau e Scott (1962), Etzioni (1964), March e Simon (1958), com foco na identificação dos significados atribuídos por estes autores à ideia de ‘organização’ de Taylor. A seleção destes textos se deve ao fato de também serem considerados pelos revisionistas do campo como textos seminais que demarcaram a emergência da área de TO (WAHRLICH, 1986).

Em nossa análise, verificamos que estes autores atribuem à ideia de organização de Taylor um sentido mais abrangente quando comparado àquele encontrado originalmente em sua obra. Ou seja, embora o conceito de organização em Taylor esteja restrito às atividades internas de gerenciamento do processo fabril e orientadas para o ordenamento das tarefas relacionadas ao trabalho realizado pelos indivíduos no ambiente industrial, os autores de TO traduzem o conceito de organização de acordo com seu próprio quadro conceitual, característico de seu léxico especializado e do marco conceitual pretendido em seus próprios trabalhos.

Assim sendo, para os sociólogos funcionalistas da década de 1960, considera-se que o livro de Taylor é um trabalho seminal da teoria das organizações, na medida em que demarcaria a concepção racional da organização enquanto uma entidade sociológica. Nesse sentido, os autores da abordagem sociológica funcionalista atribuem equivocadamente a Taylor uma concepção sociológica de organização. Em outras palavras, há uma indução conceitual que confunde a organização enquanto ator (social) – uma proposta dos sociólogos funcionalistas (WAHRLICH, 1986) – com a organização enquanto atividade (gerencial) – identificado no presente estudo como sendo o principal conteúdo do conceito apresentado nos textos de Taylor.

Por exemplo, o capítulo 2 do livro *Organizations* de March e Simon aborda a Administração Científica de F. Taylor e foi intitulado *Classical Organization Theory*, o que nos permite inferir a intenção dos autores em classificar o trabalho de Taylor no campo das teorias organizacionais. Ou seja, na intenção de contribuírem para a criação de uma estrutura da chamada teoria organizacional (ou teoria da organização formal), os autores fazem referência a Taylor como um dos autores clássicos da área. Entretanto, conforme o argumento central aqui apresentado, a preocupação de Taylor era o desenvolvimento de uma ciência da administração, e não uma teoria da organização no sentido sociológico do termo. Para Taylor, em sentido estrito, a organização é apenas uma das funções administrativas desenvolvidas pelo *manager*.

Embora esta seja uma diferença sutil, essa distorção interpretativa levou à inclusão de Taylor como um dos principais representantes não apenas da Teoria Clássica da Administração – como seria de se esperar – mas também da moderna teoria organizacional tal qual foi desenvolvida mais tarde em Blau e Scott (1962), por exemplo. Nesse contexto, conforme formulação da sociologia funcionalista, o fenômeno central de interesse é a organização como agente social ou estrutura social responsável pela emergência da sociedade organizacional (SHENHAV, 2003). Portanto, atribui-se a Taylor uma intenção que não estava presente em sua época, ou seja, o desenvolvimento de uma teoria generalizável sobre a organização vista como uma entidade social predominante em todos os círculos sociais, econômicos ou não. Ao incorrer neste viés de interpretação do conceito de organização em Taylor, os sociólogos da TO desconsideram o foco exclusivo de Taylor – relativo ao nível de análise individual representado pela ideia de organização enquanto atividade restrita ao administrador (*manager*) e endereçada aos trabalhadores do ambiente industrial. Ou seja, para Taylor, a organização é uma atividade gerencial, e não uma entidade social, tal como apregoavam os sociólogos funcionalistas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso anacrônico das ideias de Taylor pelos sociólogos norte-americanos fundadores da Teoria das Organizações de base funcionalista ilustra a forma como diferentes contextos sociais e históricos podem gerar distorções comunicativas em relação aos significados originalmente atribuídos a determinado conceito. Além disso, o exercício analítico, conforme proposto aqui, chama a atenção para a natureza diacrônica do conceito de organização no contexto dos Estudos Organizacionais. Deste anacronismo, destacamos a indução no pensamento de Taylor da ideia estrutural-sistêmica de organização – organização enquanto uma entidade independente, um todo complexo de relações racionalmente fundamentadas e integradas à estrutura social mais ampla das sociedades modernas. Em nossa análise, identificamos que essa concepção do conceito de organização – característica dos textos de TO – não existe na principal obra de Taylor, conforme observado em nossa análise semasiológica. Conforme foi observado, o escopo semântico em Taylor simples é circunscrito a um tipo de atividade de gestão.

Para atingirmos nossos propósitos, a abordagem de Koselleck (1985; 2002) foi particularmente útil ao oferecer subsídios teóricos e metodológicos para compreensão e apreensão das conexões semânticas dos conceitos aos seus contextos sócio-históricos específicos. Além disso, a História Conceitual é especialmente produtiva ao chamar a atenção de estudiosos da área de ciências sociais para a centralidade dos conceitos como elementos indicativos das noções temporais relacionadas a fenômenos concretos e das mudanças conceituais que indicam transições de tempo histórico.

Conforme mencionamos no início deste trabalho, pretendemos contribuir para a área de estudos organizacionais ao estudar a forma como conceitos centrais da área têm sido historicamente construídos, interpretados e reconstruídos. Mais especificamente, esperamos sinalizar que, ao negligenciar mudanças semânticas relacionadas a um determinado conceito, estudiosos da área podem incorrer em anacronismo conceitual ao retomar textos clássicos e seminais. Isso ocorre especialmente quando a apropriação dos autores clássicos

ocorre por meio da utilização de conceitos polissêmicos e historicamente determinados, em apreciações que visam, antes, definir fenômenos e contextos contemporâneos. Conforme observado em Matitz e Vizeu (2012, p. 585), “dizer que os conceitos apresentam um sentido para determinado grupo historicamente situado [...] significa que, para outro grupo social, este conceito tem outro sentido, ou, de maneira mais radical, não existe.” E é essa a premissa de nosso argumento ao afirmarmos que **o conceito de organização constituído pela área de TO não existe em Taylor**; na verdade, este conceito foi introjetado quando da apropriação feita das ideias deste autor pelos textos dos autores de TO. Aqui, cabe destacar o fato de que, conforme sinalizado por Vizeu (2010b) e Matitz e Vizeu (2012), a TO é marcada por uma orientação a-histórica, traço este determinado pelo método funcionalista, o qual pretende constituir conhecimento universal e descontextualizado.

Além disso, no caso do conceito de organização em Taylor, inferimos sobre o anacronismo quando comparamos as premissas dos autores fundadores da TO e o escopo semântico identificado em nossa análise semiológica da principal obra de Taylor. Aqui, mais uma vez, verificamos a forma como Taylor é apropriado pelos autores de TO a partir do conceito constituído pela sociologia das organizações, e não exclusivamente a partir da abrangência semântica observada na obra *The Principles of Scientific Management*. Ou seja, o anacronismo se dá pela apropriação das ideias de Taylor pela Teoria das Organizações a partir de um escopo conceitual distinto daquele acessível no início do século XX e do qual emergem ideias e sentidos constituídos décadas após a morte de Taylor – como foi o caso da leitura de Parsons sobre o conceito de burocracia de Weber e a Teoria Geral de Sistemas de Bertalanffy.

Em relação aos resultados do presente estudo, outra ressalva deve ser feita. Nossa esforço em identificar o anacronismo na apropriação de Taylor pelos autores da TO é dado apenas no sentido de exercício analítico e reflexão preliminar sobre esta questão, tendo em vista que a apreciação de conceitos sob a perspectiva histórica é complexa e exige um conjunto de dados nem sempre disponíveis (VIZEU, 2010b). Assim, rejeitamos qualquer pretensão de relacionada a nossa possibilidade de produção de qualquer evidência definitiva a respeito do pensamento organizacional e administrativo; conforme já sinalizamos anteriormente, nosso esforço se dirige exclusivamente ao apontamento de possíveis caminhos e interpretações sobre o objeto em questão, mantendo, assim, coerência com a Hermenêutica, linha epistemológica assumida pela abordagem teórica do presente trabalho, a História dos Conceitos.

Em relação ao uso do termo “organização” para o presente exercício de investigação conceitual e de pensamento de época, além da sua importância evidente para a área de Estudos Organizacionais, outros aspectos justificam sua escolha. Assim sendo, conforme já indicamos, aplicamos os critérios da História Conceitual como base para a seleção do conceito de ‘organização’, na medida em que este conceito (1) é representativo do contexto social e histórico da modernidade enquanto período histórico e (2) apresenta uma natureza ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica no campo social de estudos organizacionais. Ou seja, para a abordagem de Koselleck, conceitos são elementos centrais de explicação histórica na medida em que se apresentam impregnados de com um forte caráter político de época, no mesmo sentido em que se estabelecem como pontos de referência para a conexão entre diferentes tradições (no sentido gadameriano) e internamente em relação a uma época.

Sob o ponto de vista sincrônico, a análise de textos célebres – tal como por exemplo o trabalho seminal de Taylor – objeto do presente trabalho – permite observar a forma como um mesmo conceito pode manifestar polissemia, mesmo quando utilizado em um único texto e por um único autor. Sob o ponto de vista diacrônico, a análise comparativa da interpretação de Taylor realizada pelos autores fundadores da TO – quase seis décadas mais tarde – permite identificar a possibilidade de anacronismo no qual podem incorrer os leitores de um texto sem considerar apropriadamente seus significados originais. Este efeito anacrônico pode ser revelador para a compreensão do processo de produção intelectual de uma área, se observado como fruto de uma mentalidade de época que se impõe, sob o ponto de vista político e hermenêutico. Dessa forma, esperamos que o exercício analítico empreendido no presente trabalho – cujo foco analítico foi o conceito de ‘organização’ em Taylor aponte subsídios analíticos proveitosos para um melhor entendimento futuro quanto à contextualização sócio-histórica do movimento intelectual da área de Estudos Organizacionais, observado aqui sob uma perspectiva diacrônica de conceitos fundamentais deste campo acadêmico.

Nesse sentido, a conexão aqui proposta – entre linguagem, história e construção social do conhecimento científico – lança luz sobre a questão da intencionalidade presente na interação humana e na própria construção do social. Além disso, ajuda a destacar uma questão central ao entendimento das formas de produção e reprodução da ciência, ou seja, a questão da atribuição de conceitos aos fenômenos percebidos pela mente humana e a manifestação linguística do conhecimento científico. Ou seja, alguns conceitos funcionam ao mesmo tempo como indícios de contextos sócio-históricos específicos e como indícios de mudanças nas manifestações temporais das experiências humanas e sociais.

Finalmente, esperamos ter demonstrado o modo como a História Conceitual pode auxiliar na construção de uma postura crítica dos estudiosos de teoria organizacional na (re)leitura de textos seminais, os quais são social e historicamente determinados, principalmente em relação às mudanças semânticas associadas aos conceitos centrais da área. Dessa forma, esperamos contribuir enquanto uma metodologia potencialmente útil para a investigação do anacronismo conceitual, ou seja, a atribuição de significados socialmente e historicamente desconectados dos significados originais dos conceitos que compõem o léxico especializado de áreas de estudo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BLAU, P.; SCOTT, W. R. **Formal Organizations:** a comparative approach. Stanford: Stanford University Press, 1962.
- BOOTH, C.; ROWLINSON, M. Management and organizational history: prospects. **Management & Organizational History**, v. 1, n. 1, p. 5-30, 2006.
- BOURDIEU, P. Le champ scientifique. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, v. 2/3, p. 88-104, jun, 1976.

- CHANDLER, A. **The Visible Hand:** The Managerial Revolution in American Business. Cambridge: Harvard University Press, 1977.
- COSTEA, B.; CRUMP, N.; HOLM, J. Conceptual History and the interpretation of Managerial Ideologies. **Management & Organizational History**, v. 1, n. 2, p. 159-175, 2006.
- ETZIONI, A. **Modern Organizations.** Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1964.
- FERES JUNIOR, J. (org.). **Léxico da História dos Conceitos Políticos do Brasil.** Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- FOUCAULT, M. **The order of things:** an archaeology of human sciences. New York: Vintage books, 1994.
- GADAMER, G. **O problema da consciência histórica.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- HATCH, M. J.; YANOW, D. Organization theory as an interpretative science. In: TSOUKAS, H.; KNUDSEN, C. (eds.). **The Oxford Handbook of Organization Theory.** Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 63-87.
- HOBSBAWM, E. **Industry and Empire.** New York: The new press, 1999.
- JACQUES, R. **Manufacturing the employee:** management knowledge from the 19th to 21st centuries. London: Sage, 1996.
- _____. History, historiography and organization studies: the challenge and the potential. **Management & Organizational History**, v. 1, n. 1, p. 31-49, 2006.
- JASMIN, M. G. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 57, p. 27-38, 2005.
- JENKS, L. H. Early phases of the management movement. **Administrative Science Quarterly**, v. 5, n. 3, p. 421-447, 1960.
- KOSELLECK, R. **The practice of conceptual history.** Stanford: Stanford University Press, 2002.
- _____. **Passado Futuro:** contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto e Ed PUC-Rio, 2006.
- MARCH, J.; SIMON, H. **Organizations.** Oxford: Wiley, 1958.
- PORTER, N. (ed.). **Webster's Revised Unabridged Dictionary.** Springfield, MA: G & C. Merriam Co., 1913.
- MATITZ, Q. R. S.; VIZEU, F. Construção e Uso de Conceitos em Estudos Organizacionais: Por uma Perspectiva Social e Histórica. **Revista de Administração Pública** (Impresso), v. 46, p. 577-598, 2012.
- SHENHAV, Y. The historical and epistemological foundations of organization theory: fusing sociological theory with engineering discourse. In: TSOUKAS, H; KNUDSEN, C. (eds.). **The Oxford Handbook of Organization Theory.** Oxford: Oxford University Press, 2003, p.183-209.
- STARBUCK, W. H. The origins of organization theory. In: TSOUKAS, H; KNUDSEN, C. (eds.). **The Oxford Handbook of Organization Theory.** Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 143-182.

STEFANI, D.; VIZEU, F. Contribuições da Análise Sócio-histórica à Pesquisa Organizacional e da Administração. In: III ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE (ENEHQ). João Pessoa, *Anais do III EnEPQ*, 2011.

TAYLOR, F. W. **The Principles of Scientific Management**. Harper & Row, Publishers, Incorporated., 1911.

VIZEU, F.; MATITZ, Q. R. S. Contribuições da História dos Conceitos (Begriffsgeschichte) para os Estudos Organizacionais. **Revista Brasileira de Estudos Organizacionais**, v. 1, p. 165-186, 2015.

VIZEU, F. (Re)contando a Velha História: Reflexões sobre a Gênese do Management. **RAC -Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, p. 780-797, 2010a.

_____. Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. **Revista de Administração de Empresas**, v. 50, n. 1, p. 37-47, 2010.

WAHRLICH, B. S. **Uma análise das teorias de organização**. 5 ed. Rio de Janeiro: FGV. 1986.

WREGE, C. D.; GREENWOOD, R. G. **Frederick W. Taylor, the father of scientific management: myth and reality**. Washington: Library of Congress, 1991.

ZALD, M. **Spinning disciplines**: Critical management studies in the context of the transformation of management education. *Organization*, v. 9, 2002, p. 365–85.

Data de submissão: 14/07/2016.

Data de aprovação: 03/08/2017.



Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional